

O papel do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo para o SINAES

*Gerson Martins**

Introdução

O Ministério da Educação divulgou e os jornais deram um destaque aos novos parâmetros de avaliação do ensino superior no país. As opiniões divulgadas daqueles que analisaram os novos procedimentos e que não participaram da comissão que produziu o documento retratam um retrocesso nos procedimentos de avaliação. Houve, inclusive, uma manifestação curiosa do grupo dos estudantes que distribuiu caranguejos na frente do prédio do Ministério em Brasília, numa clara demonstração de reprovação dos novos parâmetros, sugerindo, na figura do caranguejo, o retrocesso anunciado antes pelos analistas de plantão.

O novo sistema, como foi anunciado no documento SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, da maneira como foi concebido e organizado, ou seja, por um grupo representativo de todos os segmentos que participam da estrutura de educação universitária no país, veio para ficar. A estrutura composta pelo Exame Nacional de Cursos – ENC (Provão), Avaliação das Condições de Ensino – ACE e o programa PAIUB formataram um sistema de avaliação do ensino superior que, se não provocou mudanças estruturais nas instituições de ensino superior, despertou muita preocupação e mudanças de atitudes e procedimentos, comprovando que o ensino superior no Brasil necessita de acompanhamento rigoroso e sistemático. O conjunto Provão / ACE / PAIUB atingiu seus objetivos e deveria ser melhorado, não destituído.

O SINAES e o chamado PAIDEIA – Processo de Avaliação Integrada do Desenvolvimento Educacional e da Inovação da Área – deveriam, preliminarmente falando, ser destituídos, tal sua ampla discussão teórica, mas sem aplicação na realidade necessária de

* Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Presidente do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo.

aferição de qualidade no ensino superior. Contudo, não será essa a realidade e o sistema foi implantado a partir de sua aprovação no Congresso Nacional ou por meio de medida provisória do Presidente da República, o que parece ser mais conveniente dada a rapidez e a necessidade urgente de implantação do novo sistema com objetivo de acomodar os interesses econômicos que movem as instituições de ensino superior.

Nessa perspectiva, o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo tem uma tarefa e uma importância capital. Em nenhum outro momento, desde que foi concebido, em 1994, num seminário realizado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo – LABJOR/UNICAMP, por iniciativa do professor Dr. José Marques de Melo, o Fórum foi tão necessário como agora para contribuir com um processo de avaliação eficaz dos cursos de jornalismo. O Fórum Nacional de Professores de Jornalismo tem um papel importantíssimo no conjunto do novo sistema de avaliação da educação superior. Desde 2001, o Fórum tem se reunido de forma sistemática, congregando professores, pesquisadores e profissionais de jornalismo para discutir fundamentalmente a formação superior em jornalismo.

A partir de 2005, os pesquisadores de jornalismo podem contar com um espaço próprio para debater a pesquisa na área, embora o espaço do Fórum privilegie o debate da pesquisa como processo inerente à formação. Em 2004, o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo se reuniu na Universidade Federal de Santa Catarina, entre os dias 18 e 20 de abril, na sétima reunião dos professores jornalistas, para debater “Os desafios do ensino de jornalismo na transição tecnológica”. Como a qualificação do ensino de jornalismo passa também por sua avaliação externa e auto-avaliação, o debate sobre o SINAES foi um momento privilegiado do encontro.

O Fórum Nacional de Professores de Jornalismo deve avaliar o SINAES

O Fórum de Professores de Jornalismo e em decorrência, o conjunto de professores jornalistas, de profissionais do jornalismo e de pesquisadores da área deverão conhecer todos os itens e perspectivas do SINAES para que esse sistema não produza engodos

no campo da formação superior em jornalismo e contribua com tudo aquilo que os profissionais, professores e pesquisadores repudiam como, por exemplo, o exercício irregular da profissão, a existência de laboratórios precariamente estruturados ou ainda pior, a inexistência de laboratórios, a falta de qualificação acadêmica dos professores e inúmeras outras situações.

Assim, será importante que os participantes do próximo encontro do Fórum discutam os novos parâmetros de avaliação dos cursos e se comprometam a acompanhar todos os processos avaliativos. Será necessário, assim como ocorreu em 2001, no Fórum de Campo Grande entre os professores de jornalismo das instituições federais de ensino superior, que o conjunto de participantes do Fórum tenha voz junto à SESu ou INEP, seja qual for o organismo que se responsabilizará pelos processos de avaliação, para que o sistema não produza deformações nas estruturas dos cursos. O Fórum tem a responsabilidade de preservar a qualidade mínima da formação jornalística. Essa responsabilidade está agora caracterizada também numa intervenção no novo sistema de avaliação que, se for concretizado, efetivamente vai menosprezar a qualificação acadêmica, principalmente nas instituições privadas, além de caracterizar como insignificante a pesquisa no ensino universitário. Em outras palavras, professores com mestrado ou doutorado serão considerados caros para a estrutura das escolas, sem necessidade ou obrigatoriedade de mantê-los, e a pesquisa terá seus recursos minguados ou extintos em comparação com as necessidades dos processos de ensino.

O encontro do Fórum de Professores de Jornalismo de 2005 deve reservar um momento para o debate do sistema de avaliação, não poderá se omitir dessa questão. Deve também produzir um documento sobre o assunto, pontuando suas prerrogativas e posições e encaminhá-lo ao órgão responsável pelo SINAES. Nesse ínterim, cabe aos participantes do Fórum a reflexão, o debate e a crítica ao sistema, como formas de contribuir para a busca da eficiência da avaliação e até mesmo sua reformulação.

Os professores, pesquisadores e profissionais de jornalismo não podem ficar isentos da reflexão e das atitudes em prol da manutenção e ampliação da qualidade dos cursos de jornalismo, conseguida por demanda do provão e da avaliação das condições de

ensino, a partir da implantação da estrutura do SINAES. No que tange ao ensino de jornalismo, as representações de categoria formalizadas na FENAJ, no Fórum de Professores de Jornalismo, na Sociedade Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo – SBPJor e na ENECOS devem estar vigilantes para preservar um sistema de avaliação eficaz e que produza resultados.

A formação superior em jornalismo e a precariedade do exercício profissional

Quando escrevi o último texto sobre a precariedade do jornalismo e o surgimento do jornalista precário, não pude considerar algumas variáveis que se estabeleceram entre a produção do texto e sua efetiva publicação. Infelizmente há um espaço de tempo considerável entre essas duas etapas e isso pode ocasionar ou ainda surgir novas situações que corroboram com a reflexão que fazemos ao escrever um artigo. Foi o que aconteceu. No interm do artigo tive contato com alguns “jornalistas precários” que, para minha surpresa, estavam fazendo curso superior regular de jornalismo. Um desses, infelizmente, depois que conseguiu o registro precário abandonou o curso. Esse fato confirma nossa perspectiva de um jornalista débil conforme definição do “Aurélio”.

Durante a realização da 1ª Semana de Jornalismo de Mato Grosso do Sul, promovida pelo Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande, todos os conferencistas, nomes conhecidos no cenário nacional, como Sidney Rezende, Roberto Cabrini, Rubens Valente e Oscar Ramos Gaspar, confirmaram a imperiosa necessidade da formação superior em jornalismo, sob pena de causar sérios prejuízos à sociedade brasileira. Em todas as palestras, que podem ser acessadas pela página na internet da Semana de Jornalismo (www.fes.br/semanadejornalismo), as reflexões se desenvolveram no mesmo sentido: a necessidade e a importância da formação universitária do profissional de jornalismo. Roberto Cabrini afirmou, por exemplo, que há muito publicitário fantasiado de jornalista.

Muitos daqueles que se dizem jornalistas fazem na realidade, em seus textos, publicidade de seus amigos ou daqueles que pagam suas matérias. O jornalista deve, acima de tudo, buscar a verdade dos

fatos. O jornalista precário que possui a perspectiva do publicitário, até mesmo porque recebeu sua designação de “jornalista” por um consentimento dos amigos, não tem qualquer compromisso com a verdade. Não tem critérios para estabelecer a verdade dos fatos. Sua “verdade” é dependente do ângulo em que observa os fatos e dos mimos que recebe diariamente. Essa situação do jornalismo nos centros regionais ou de menor porte resulta num jornalismo pobre, onde os elogios aos amigos tornam-se corriqueiro. É o colonismo social de pior qualidade travestido de jornalismo. A designação, a identidade jornalista se transforma nessas situações em sinônimo de “jabá”, para usar um termo do vocábulo do jornalismo.

Jabá é um outro capítulo na história do pseudojornalismo. O que é jabá? Todos os jornalistas conhecem bem esse termo. Ele faz parte da gíria jornalística e diz respeito aos favores ou mesmo recursos monetários que “jornalistas” recebem para falar bem de uma pessoa ou publicar informações dessas pessoas ou instituições a que são ligadas. Segundo RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo Guimarães “jabá” é uma forma abreviada de *jabaculé* e quer dizer corrupção no serviço de um profissional em uma emissora radiofônica, principalmente no favorecimento à divulgação de determinada música, disco ou artista. É o pagamento “por fora” a programadores e, incluem-se jornalistas, disc-jóqueis ou à própria direção da emissora, para veiculação de determinados fonogramas ou para a divulgação de determinadas informações no caso do jornalismo. Esta conceituação o leitor encontra no Dicionário de Comunicação publicado pela Editora Campus dos autores citados. Esse recurso, nada ético, do pseudojornalismo é uma constante em muitas situações. Até mesmo assessores de imprensa utilizam quando contratam campanhas publicitárias e recebem das agências um “mimo” para garantir o contrato da empresa em que trabalha o assessor.

Diante desses fatos podemos afirmar que temos um jornalismo ético, responsável, de credibilidade? O maior bem de um jornalista ou de uma empresa jornalística é a credibilidade. Perdendo esse bem não haverá publicidade, apoio político ou qualquer outro recurso que recupere o leitor, o público consumidor do jornal. O jornalista tem o dever de expressar a verdade, publicar a verdade. Não existe negociação para esse “lema” do jornalismo. Senão isso, só restará

um panfleto que alguns insistem em chamar de jornal. Não tenho dúvida de que essa responsabilidade social, um capítulo amplo e profundo da formação em jornalismo, somente estará garantida com aquele profissional de jornalismo que passou pela formação superior. As justificativas que dizem que para ser profissional é preciso "amassar o barro" não têm qualquer fundamento, pois o médico, o engenheiro ou o advogado não necessita "amassar o barro" para provarem sua competência ou sua responsabilidade perante a sociedade, para a qual e na qual tem o dever político, social e moral.

O Fórum Nacional de Professores de Jornalismo consolidou como espaço de reflexão e debate da formação em jornalismo. O evento realizado em Florianópolis, estado de Santa Catarina entre os dias 19 e 20 de abril de 2004, quando reuniu cerca de 300 professores e profissionais de jornalismo, firmou posição como um espaço específico para os formadores dos futuros jornalistas. A participação e a qualidade dos trabalhos apresentados no cinco Grupos de Trabalho do evento reafirmaram essa condição. Apesar da escassez de recursos para a participação nos eventos e dos altos custos de transporte e hospedagem, a presença dos professores foi significativa e representou adequadamente o mapa do Brasil. Estiveram presentes professores/jornalistas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Brasília, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí, Amazonas.

O evento realizado em Florianópolis foi o marco da institucionalização do Fórum como espaço dos professores de jornalismo. Os professores de jornalismo foram unânimes em relatar que os encontros do Fórum são momentos privilegiados para encontrar companheiros que têm questões semelhantes a serem resolvidas e, neste evento, conseguem facilmente realizar essas discussões. Em comparação com outros eventos de comunicação o Fórum é um espaço pequeno em que se destaca a qualidade em relação à quantidade. O Congresso da Intercom, por exemplo, um dos principais eventos de comunicação no Brasil, pelo seu gigantismo não mais é possível o encontro de velhos amigos, companheiros que compartilham reflexões e práticas da formação em jornalismo. É até mesmo possível participar do congresso da Intercom e não rever colegas que têm tradição no congresso. Mas, muito mais do que isso

o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo é um evento em que discutimos formação jornalística.

Apesar de realizarmos, em 2004, o 7º Fórum, no formato atual o Fórum tem apenas quatro anos. A ponto de partida desse modelo de encontro aconteceu em 2001 na cidade de Campo Grande quando, de forma ousada, propusemos realizar um encontro de professores de jornalismo, em continuidade ao Seminário das Diretrizes Curriculares realizado na PUC-CAMP sob a coordenação do professor Juliano Carvalho e ao Seminário de Professores de Jornalismo que aconteceu na cidade de Belo Horizonte, fruto da necessidade de reunir os professores em local e data que não fosse o congresso da Intercom. Em 2001 convidamos os professores Eduardo Meditsch, Sandra Freitas, Carmen Pereira e Victor Gentili para auxiliar na organização do encontro de Campo Grande. O então 4º encontro de professores de jornalismo foi um sucesso e determinou definitivamente a necessidade de reunir esses profissionais a cada ano, principalmente porque a formação e a atividade jornalística estavam suscitando muitos debates devido às constantes crises, seja por conta dos processos de avaliação dos cursos, seja pelas perspectivas da atuação profissional do jornalista. Na avaliação do encontro de Campo Grande enfatizou-se que seria muito importante abrir espaço para o debate das questões da formação por todos os participantes, proporcionando voz ativa aos mesmos e não receptores de conferências e palestras resultados de reflexões distantes das realidades dos que estavam ali presentes.

Nesse sentido a criação dos Grupos de Trabalho organizados pela primeira vez no 5º Fórum, em Porto Alegre, e agora sedimentado em Natal e Florianópolis, foi e é um momento privilegiado. Ainda há um longo caminho a percorrer. A própria organização dos Grupos de Trabalho sempre gera excelentes discussões em cada plenária. Em Natal foi instituída uma Comissão, composta pelos professores Ruth Reis (Espírito Santo), Narciso Freire (Amazonas), Lisbeth Oliveira (Goiás), Elias Machado (Bahia) e Wellington Pereira (Paraíba), para estudar e propor uma nova estrutura dos Grupos de Trabalho que será discutida no âmbito da Diretoria Executiva do Fórum e dos seus Conselhos. Certamente o passo decisivo para a consolidação se traduz na institucionalização do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo.

Produção e fluxo da informação: a qualidade da formação jornalística

No momento em que discutimos o reconhecimento social, mais do que isso, a responsabilidade social das práticas profissionais orientadas, ou seja, dos profissionais liberais, compete-nos também refletir sobre a responsabilidade social do jornalista e antes disso como causa dessa questão a formação do jornalista. Essa reflexão acontece até mesmo porque agora não há apenas uma escola de jornalismo no estado. São quatro instituições que oferecem o curso que forma e habilita profissionais do jornalismo. Uma profissão considerada de grande relevância social pelas implicações que seu exercício coloca a sociedade em geral.

A importância do diploma para o exercício do jornalismo, mais do que nunca, é um imperativo. Não se concebem mais profissionais que não tenham essa condição. As empresas, de um modo geral, exigem de seus profissionais a formação universitária, em todas as áreas. Por que não exigir do profissional que trabalha com a informação e, portanto, deve estar muito bem preparado? Exemplos existem em que esse tipo de profissional conseguiu, pelo seu trabalho, destruir empresas e, conseqüentemente, pessoas, por informações infundadas, mal produzidas, mal distribuídas. É uma profissão de extrema importância na sociedade da informação, a sociedade do século 21. Costuma-se dizer que um jornalista é jornalista 24 horas por dia, equiparando-se à profissão médica, tal a importância e responsabilidade do profissional.

Assim, discutir a validade da exigência do diploma para o exercício profissional é balela, da mesma forma que não se discute a exigência de diploma (leia-se formação superior, universitária) para a classe médica. Essa questão está resolvida. Ponto final. O que cabe sim discutir e buscar o aprimoramento, a qualidade é a formação em si. Como as escolas estão formando os futuros jornalistas. Nesse aspecto já aconteceram diversos encontros que reuniram jornalistas profissionais, professores de jornalismo, pesquisadores, cientistas e tantos outros. Um desses encontros ficou marcado na história da formação em jornalismo. Um seminário realizado em Campinas (PUCCAMP) em abril de 1999 - onde estiveram presentes os mais respeitáveis profissionais, estudiosos e professores de jornalismo -

estabeleceu os parâmetros básicos para a estruturação dos cursos de jornalismo. Esse encontro foi de uma importância tal que o seu documento de conclusão foi tomado como base para a confecção do documento Diretrizes Curriculares para o Ensino na área de Comunicação, recentemente aprovado, na íntegra, pelo Conselho Nacional de Educação. Esse documento norteia e contribui com as instituições para a criação e mesmo as reformulações dos cursos de jornalismo.

Em Campo Grande essa perspectiva é muito presente. Desde o início da formação universitária do jornalista, pioneiramente realizada pela UFMS a partir de 1989, todos os seus professores, coordenadores, dirigentes, pesquisadores tiveram sempre presente o aspecto da qualidade do profissional que está sendo formado. Prova disso é que temos colegas atuando nos maiores centros urbanos do país com a mesma competência de quem cursou nas melhores instituições de ensino superior deste país. Essa perspectiva não mudou, melhor, ganhou força e tomou novos rumos. A base dessa formação, situada na estruturação da grade curricular e na disponibilidade de bons laboratórios, teve um avanço significativo.

A oferta de disciplinas específicas de jornalismo no primeiro semestre do curso, a inserção de disciplinas que proporcionam instrumentais técnicos de forma mais equilibrada no decorrer dos cursos e de maneira mais significativa demonstram e vão ainda demonstrar que excelentes profissionais estarão no mercado nos próximos anos. Nesse aspecto destaco a grade curricular estruturada para o Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá, fruto de uma orientação séria, profissional e de qualidade dos consultores da Secretaria de Ensino Superior – SESu, do Ministério da Educação, que autorizaram o funcionamento do curso em verificação realizada em 1999 pelos jornalistas e professores Marcelo Lopes, na época da USP e José Ananias de Freitas da PUC Minas. No curso, os alunos, desde o primeiro período, tomam não somente contato mas estudam efetivamente disciplinas específicas da formação que escolheu, sem correr o risco, como é comum, infelizmente, da dúvida em saber qual o curso fazer e ter - na época dos cursos com o chamado tronco comum – que esperar ainda 1,5 a dois anos para enfim conhecer as “coisas” do jornalismo. Outro aspecto interessante desse curso está em seu corpo docente.

Estando ainda no início do segundo período, o curso já tem cinco professores jornalistas em seu quadro, enquanto muitos até mesmo com turmas já formadas não têm mais do que três professores jornalistas. Nesse aspecto costumo sempre dizer em aula: alguém já viu nos classificados, principalmente nos jornais, algum anúncio procurando comunicador? Posso estar errado, mas em toda minha vida profissional só me deparei com anúncios procurando jornalistas, publicitários, etc.

Contudo, a preocupação com a qualidade da formação do jornalista não se esgota nesses aspectos. Tratando-se de uma profissão de caráter social, a reflexão dos procedimentos, a pesquisa – que no Brasil é ainda incipiente – devem ocupar um lugar de destaque. Devemos qualificar os futuros profissionais de jornalismo sempre buscando novos horizontes, novas perspectivas que melhorem a atuação, o conhecimento, as relações dos profissionais para, em conseqüência, dar uma contribuição efetiva, real, para o desenvolvimento social em todos os níveis.

Essas preocupações, essas reflexões e, mais do que isso, mesmo as ações que visem à qualidade, vão minimizar os procedimentos de um pseudojornalismo, aquele praticado na troca de vantagens e pior, aquele que constantemente obtém ganhos financeiros que a prática da venda de espaço jornalístico. Ou ainda pseudoprofissionais que se mantêm em estruturas arcaicas por força de coação ou como se fala nas “rodas de conversa”, aqueles que tem “cartas na manga”. Esses procedimentos podem ser qualquer coisa, nunca será jornalismo. Práticas como as descritas anteriormente têm os dias contados, felizmente. A consolidação do jornalismo local vai, de forma crescente, fazendo desaparecer o pseudojornalismo, o pseudoprofissional ou o jornalismo travestido.

Conclusão

A qualidade da formação em jornalismo, a qualificação dos professores-jornalistas e os sistemas de avaliação propostos determinam para a instituição, entidade Fórum Nacional de Professores de Jornalismo um papel, uma função imprescindível e insubstituível. No bojo do crescimento desordenado dos Cursos de Jornalismo e na irresponsabilidade de dirigentes e até mesmo

avaliadores que autorizam ou reconhecem cursos sem as condições mínimas de funcionamento, os professores de jornalismo representados pelo seu Fórum Nacional tem uma tarefa árdua, necessária e importante.

Para contribuir com a reflexão sobre essa situação cabe relatar a participação deste autor em recente concurso de professores na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que possui sede na cidade de Mossoró. Nessa instituição foi criado um curso de Comunicação com três habilitações: jornalismo, publicidade e radialismo. Contudo a cidade e a região não possuem qualquer emissora de televisão e tem uma população regional de pouco mais de 200.000 habitantes. A cidade de Mossoró tem 4 jornais diários que são sustentados pela classe política local, um deles é de propriedade de um político. Para efeitos de comparação é interessante destacar que a capital do estado tem 3 jornais diários para uma população de 800.000 habitantes. A instituição que criou os cursos tem sérios problemas de infra-estrutura, se baseando, a maioria dos cursos, no método “cuspe e giz”. A estrutura de departamentos e mesmo Centros de graduação não tem computadores suficientes e os que são utilizados estão com a configuração muito aquém das necessidades atuais. Apesar desta situação o curso de Comunicação está no segundo período, sem mesmo usufruir um laboratório de informática, situação básica para o início de funcionamento de um curso de jornalismo ou comunicação.

Por esses motivos e os analisados neste texto, somado às novas características do processo de avaliação da graduação no país, identificado pelo SINAES, é que determinam para o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, sustentado no conjunto dos professores-jornalistas, profissionais de jornalismo e pesquisadores da área, uma ação enérgica para coibir a criação de novos cursos e a paralisação do ingresso nos cursos em funcionamento que não demonstrem capacidade de infra-estrutura geral para a responsável qualificação do jornalista. Assim, quero propor neste texto a moratória para os Curso de Jornalismo.

Referências Bibliográficas

ALBERTÓS, José Luiz Martínez. *Curso general de redacción periodística*. Madrid, Paraninfo, 1993.

BARBOSA, Marialva (org.) *Estudos de jornalismo*. São Paulo, INTERCOM, 2001.

BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. São Paulo, EDUSP, 1992.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Tommas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 1973.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo*. São Paulo, Summus, 1993.

DINES, Alberto. *O papel do jornal*. São Paulo, Summus, 1986.

GENRO, Adelmo. *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo*. São Paulo, Hacker, 2003.

JOBIM, Danton. *O espírito do jornalismo*. São Paulo, EDUSP, 1992.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo*. São Paulo, Geração Editorial, 2003.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo*. São Paulo, EDUSP, 1997.

MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos (org.) *Modelos de jornalismo digital*. Salvador, Calandra, 2003.

MACHADO, Elias. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador, Calandra, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin-de-siècle*. São Paulo, Scritta, 1993.

MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis, UFSC, 1992.

MELO, José Marques de. *A esfinge midiática*. São Paulo, Paulus, 2004.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo, Campus, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro de. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó, Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, Unisinos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis, Insular, 2004.

TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo, Summus, 1992.

VAN DICK, Teun A. *La notícia como discurso*. Barcelona, Paidós, 1996.